

O TESTAMENTO DE WILLIAM SHAKESPEARE

Elizabeth Ramos
Universidade Federal da Bahia

Em fevereiro 2005, estreou no palco do Citadel Theatre, em Edmonton, Alberta, *Shakespeare's Will*, peça do dramaturgo canadense Vern Thiessen. Em 2007, uma segunda versão da peça foi encenada para o Festival de Stratford do Canadá. O texto dramático traz o monodrama de uma mulher – Anne Hathaway – que acaba de chegar em casa após enterrar o marido William Shakespeare. A força dramática do texto impressiona o leitor, que constrói a trajetória do casal a partir do discurso de uma das mulheres mais silenciadas ao longo da história da dramaturgia renascentista inglesa. A peça traz à tona aspectos não explorados da vida trágica de Anne Hathaway, através dos olhos e do coração da mulher que passou uma vida inteira com e ao mesmo tempo sem o marido.

Aí repousa a capacidade criativa de Thiessen já estabelecida a partir do título da peça. Afinal, *Shakespeare's Will*, no mais puro estilo de linguagem shakespeariana, constrói um rico jogo de palavras a partir da escolha do termo “will” – apelido de William, tradução da palavra testamento, além de expressão de desejo, vontade e determinação. A partir do objeto que Anne Hathaway tem em mãos – o documento do testamento deixado pelo marido – a personagem construirá a rememoração catártica de sua vida com o dramaturgo inglês.

O que se seguirá é anunciado e refletido nas três epígrafes que integram o livro, num movimento de paraintertextualidade contido no texto dramático, publicado pela Editora de Dramaturgos do Canadá (Plawrights Canada Press), em Toronto, em 2002, com reedição em 2007. As três citações são extraídas de textos de ou sobre mulheres. A primeira¹ é da educadora e feminista dos Estados Unidos, Anna Garlin Spencer:

Nenhum livro jamais foi escrito
Em louvor a uma mulher que
Tenha deixado marido e filhos
Morrendo de fome ou sofrendo enquanto
Inventava até as coisas mais úteis
Escrevia livros,
Ou defendia sistemas filosóficos.

¹ Minha tradução de: No Book has yet been written/In praise of a woman who/Let her husband & children/Starve or Suffer while she/Invented even the most useful /Things, or wrote books./Or expressed philosophic systems.

A segunda epígrafe² foi extraída dos poemas místicos de Mowlana Jalaluddin Rumi, poeta turco, do século XIII.

O amor não repousa sobre alicerces..
É um oceano sem fim.
Sem começo, nem fim..
Imagine,
Um oceano suspenso,
Deslizando num flutuante de antigos segredos.
Todas as almas se afogaram nele,
E agora vivem ali.
Uma gota desse oceano é esperança,
E o resto é medo.

A terceira epígrafe³ traz a assinatura de Anne Morrow Lindbergh, escritora dos Estados Unidos, que viveu de 1906 a 2001, e foi casada com o aviador Charles Lindbergh, conhecido por ter sido o primeiro a cruzar o Atlântico pilotando um avião, em 1927.

Acho que a mulher se ressent mais não tanto de se dar aos pedaços, mas se dar sem razão.

A personagem única da peça é Anne Hathaway, uma mulher de idade não determinada, que no seu quarto, encontra-se com sua memória, sua imaginação, seus sonhos e as lembranças do mar. Embora a linguagem seja poética, em sua estrutura, a peça é, de certa forma, baseada em eventos históricos. O autor sugere que seja encenada sem sentimentalismo, reverência, doçura nem tentativas explícitas de acuidade histórica, mas com encenação teatral, humor e desarranjo mental, estimulados pela iluminação, cenário, figurino, movimento e música/som. Thiessen recomenda que não se usem dialetos e que não haja intervalo ao longo dos noventa minutos de duração da peça. Como de costume, o texto dramático traz as indicações de ruídos, música e movimento, itens que o dramaturgo considera essenciais para o desenvolvimento do ritmo da peça, sendo fundamentais na demonstração de transição das emoções, tanto para a platéia, quanto para a própria personagem de Anne.

O texto dramático tem início com a seguinte informação.

Chuva.
Ela anda devagar, deixando-se molhar.
Entra em casa.
Olha em volta do quarto. (THIESSEN, 2007, p. 1)

² Minha tradução de: "Love rests on no foundation./It is an endless ocean./With no beginning or end./Imagine./A suspended ocean./Riding on a cushion of ancient secrets./ All souls have drowned in it./And now dwell there./One drop of that ocean is hope./And the rest is fear".

³ Minha tradução de: "I believe that what a woman resents is not so much giving herself in pieces as giving herself purposelessly".

Anne traz à tona a saudade que sente do mar e, a partir da lembrança, atira a primeira farpa: “O mar foi um amante muito melhor que você, Bill. Nos seus braços, eu me molhava e me aquecia”. A sensualidade da rememoração confronta o acolhimento do mar com a rigidez de William Shakespeare, quando prossegue:

Mas você:
Você
Era um litoral rochoso
A cabeça desgastada pela maré
A barba esparramada como algas marinhas
Os olhos... (THIESSEN, 2007, p. 1)

A lembrança doída do passado é atualizada com a descrição do recente funeral, que se mistura em seguida com a recordação do primeiro encontro numa quermesse: ela, moça católica com 26 anos, ele, protestante, com 18. A rememoração desloca-se à primeira vez em que fizeram sexo.

Mais tarde
No estábulo do meu pai
Atrapalhado, você revira as minhas saias.
As mãos trêmulas
Que nunca
Tinham
Pelo menos, não com uma mulher
Uma mulher mais velha
Pelo menos.

Pausa.

Depois:
Olhando as estrelas
Por um buraco
No telhado do estábulo
Você revive a peça
Encenando todas as partes
Me fazendo rir
Mais do que eu havia rido na quermesse. (THIESSEN, 2007, p. 5)

Ato contínuo, os dois declaram não terem o casamento nos seus planos. Anne se diz feliz, vivendo bem com o pai e os irmãos, trabalhando bastante desde que a mãe havia morrido. Não queria outra vida.

É mesmo, você diz
Nem eu.
Além disso, você diz,
Sou católico.
Católico?
É.
Deus do céu.
É.
Eu não.

É.
Além disso, você diz...
O que...
Nada. Deixa pra lá.
... O que?
NADA. ((THIESSEN, 2007, p. 6)

As palavras de William geram curiosidade no leitor, curiosidade imediatamente satisfeita.

Você... eu digo
... você...
O que.
Sei lá... gosta de meninos?
Houve um longo silêncio.
... Não sei, você diz.
Não sabe?
E eu rio.
E rio:
Não sabe...?!

Mas então vejo
Que você ficou magoado.
Tudo bem, eu digo.
Não importa,
Não importa
Não para mim.
Vou te contar um segredo:
Eu? Eu também gosto de meninos,
Isto é, de homens
Gosto de estar com muitos homens.
Por que acha que fui à quermesse?

E seus olhos sorriem
E você ri
E eu enxugo suas lágrimas
E nós dois sabemos
Sabemos
Que há alguma coisa...
Alguma coisa
Entre nós. ((THIESSEN, 2007, p. 6-7)

A notícia do casamento aborrece o pai de Anne. Ver a filha casada com o filho de um fabricante de luvas, pobre e católico é terrível. Mas a gravidez justifica o casamento. Assim, três dias depois, fica decidido: a cerimônia na igreja será pela manhã, já que, segundo a tradição, casar-se depois que o relógio bate meio-dia é sinal de mau agouro. Anne chega, então, às onze horas e William, às quatorze horas, acompanhado de Hamnet, o padeiro, testemunha do casamento. Chega com os olhos vermelhos. Teria sido a farra? Não, vermelhos de chorar. Diante de um padre bêbado, com hálito de conhaque da Madeira, casam-se Anne e William, sem alianças, com promessa de comprá-las no futuro. Ali ele confessa seu amor pela noiva, e à noite, sozinhos no quarto da casa do pai, depois de revirar um maço de papéis, recita para ela o que será, mais tarde, o Soneto 145.

Estes lábios que a mão do Amor criou,
Entreabriram-se para dizer, “Eu odeio”,
A mim que sofria de saudades dela:
Mas, ao ver meu estado desolado,
Seu coração se tomou de piedade,
Reprendendo a língua, que, sempre tão doce,
Foi gentilmente usada para me exterminar;
E ensinou-lhe, assim, a dizer, novamente:
“Eu odeio”, alterou-se, por fim, sua voz,
Que se seguiu como a noite
Segue o dia, que, como um demônio,
Do céu ao inferno é atirado.
“Eu odeio”, do ódio ela gritou,
E salvou-me a vida, dizendo – “Tu, não”.

Naquele momento fazem a promessa de viverem sob o manto da liberdade e da independência.

Seremos
Nossa própria forma de casamento. (THIESEN, 2007, p.12)

Sete meses se passam e o casal ainda vive na casa do pai de Shakespeare. Nasce a primeira filha, Suzanna, enquanto Will, deixa-se estar se divertindo com aspirantes a ator. Não sabendo lidar com um bebê, Anne rejeita a filha. Três anos mais tarde, nascem os gêmeos – Judith e Hamnet – quando o casal já vive em sua própria casa.

E você...
Você está tão feliz.
Em ter um filho

Um filho
(e mais uma menina, claro, claro)
Mas um filho!
Um filho! (THIESEN, 2007, p. 17)

Embora Will encenasse teatro de bonecos para a filha Suzanna em casa, suas ausências ficavam cada vez mais frequentes. Ia para a praça assistir às peças, passando dias sem aparecer em casa, bebendo com os atores no pub, construindo enredos, fazendo rimas, criando personagens na cabeça.

E eu cumpria minha promessa
Deixando-o viver sua vida.
Até quando as crianças ficavam imaginando
Onde você poderia estar
Até quando, exausta de me preocupar,
Enquanto as crianças dormiam à noite
Eu me sentava
Sozinha
Junto à lareira
Tentando me lembrar como seria
Não ser apenas mãe

Mas mulher
Sem querer nada mais
Do que ter você
Me abraçando
Conversando comigo.
Mesmo assim,
Mantive minha promessa. (THIESSSEN, 2007, p. 18)

Finalmente, Will chega com a notícia de que estava se mudando para Londres. A voz entusiasmada, os olhos contentes, a vibração das mãos, anunciavam que voltaria todo mês, para trazer dinheiro. A chama da desconfiança brota no coração de Anne. Afinal, ela ficaria sozinha com as crianças e ele partia para ser um escritor. Como confiar?

Nos beijamos
Uma vez.
Duas vezes.
Saio, e
Volto para
Beijar de novo.

Você me olha
Os olhos molhados como o dia.

Não me esqueça, eu digo.
Não me esqueça. (THIESSSEN, 2007, p. 21)

William não volta. Não cumpre a promessa. As crianças brincam, crescem. A vida fica melhor, financeiramente. O marido compra uma casa para a família, onde o casal tem uma cama com um colchão de penas macias. Sozinha, Anne só tem como confidentes as abelhas.

As abelhas adoram bisbilhotar, você sabe Bill.
Dá sorte contar à abelhas
Tudo o que acontece.
Se a gente não conta
Elas podem ir embora
E levar com elas a sorte.
Então, tenho que lhes contar todos os meus segredos. (THIESSSEN, 2007, p. 28)

Quanto maior o sucesso, menos frequentes se tornam as visitas de Will. Cada vez escreve menos, guardando as palavras para as suas peças. A solidão leva Anne a ter amantes. Richard... Frederick... Alexander... jovens, alguns burros, mas bem dotados. “Tolice querer roubar o desejo de uma mulher jovem, tornando-a lasciva” (THIESSSEN, 2007, p. 29)

As tentativas de Anne de se juntar a ele em Londres são veemente refutadas, com a justificativa de que o ambiente não seria bom para as crianças.

Com a peste bubônica assolando o país, Anne faz o mesmo que seu pai havia feito. Muda-se para o litoral, numa cabana pequena, longe dos ratos, onde as crianças construía castelos de areia,

brincavam nas ondas. Examinava os pequenos, incessantemente: lábios, língua, febre, tosse, espirros, diarreia. Nada escapava à sua atenção.

O mar lhe fazia bem;
Seu sorriso aberto
Seu hálito salgado
Sua risada alta
Sua testa larga,
Larga
Como os ombros do meu pai.

Nunca mais tinha visto o mar
Desde a morte de minha mãe,
Quando eu ainda era criança.
E agora
Aqui estou eu
De volta
Com minhas próprias crianças.

E ficamos ali parados
Nós quatro.
Admirando o mar. (THIESSSEN, 2007, p. 1)

De volta à casa, depois de receber um bilhete anunciando a volta de Will, Anne organiza uma festa. O marido chega numa carruagem, sobe os degraus da casa nova, mais calvo, mais velho, os olhos mais apertados das muitas horas de escrita sob a luz de velas, a testa enrugada de construir e reconstruir teatros queimados. Na festa de boas vindas estavam os amigos: Fletcher, Richard Burbage, Francis Bacon. Muita gente, muita alegria, mas Will não sorria muito. Parecia deslocado.

Você procurava
Por ele.
Aquele sobre quem me contaram
Mas que eu nunca conheci.
Aquele que havia morrido
No último verão
Em Londres. (THIESSSEN, 2007, p. 51)

Pouco tempo depois, Will adoece e morre durante a noite.

Tenho que fazer o papel de viúva.
Uma tarefa
Tão chata,
Tão preciosa
Tão...
Diferente de você... (THIESSSEN, 2007, p. 1)

Anne, então, abre o testamento que tinha em mãos no início da peça. Por que tinha que ler o documento? Ninguém conhecia Will. Ninguém sabia das promessas que haviam feito um para o outro. Ninguém sabia que o que importava era o que havia entre eles, no coração, não o que estava escrito no papel.

Anne Hathaway lê, então, que cento e cinquenta libras iriam para a filha Judith, numa espécie de suborno atraente a algum cavalheiro em busca de bom casamento. Para Suzanna, Will deixava todos os bens da casa, que por sua vez seriam transferidos ao filho primogênito, legal, depois de sua morte. Anne lê o trecho com ironia. “Linhagem”, diz ela. Para o amigo e padeiro Hamnet Sadler e os camaradas do teatro, deixava 26 shillings, para que cada um comprasse um anel. Para a irmã Joan, deixava a casa de Stratford. “A casa?”, surpreende-se a viúva. “A casa?” E para Anne Hathaway, a esposa, Will deixava a cama do casal, “minha segunda melhor cama”. Anne folheia as páginas, mas não encontra mais nada.

O leitor é então surpreendido.

Aconteceu tão silenciosamente
Eu lendo
Suzanna fazendo castelos de areia
Judith e Harry
Brincando juntos na beira do mar.

Judith vem correndo
Batendo os dentes com um esqueleto
E eu a enrolo num cobertor.
Levanto os olhos
Harry está a poucos metros no mar
Acenando
Rindo.

Murmura alguma coisa.
Mas o grito da gaiivota
Não me deixa ouvir

Aceno de volta
Espanto uma vespa.
Levanto os olhos novamente, para não mais vê-lo.

E eu,
Eu penso
Mas onde, onde,
E olho para cima e para baixo na praia
E ele ainda está ali, ele está, e eu acabei de vê-lo, onde?
E eu corro para a beira d’água, chamo por ele, e as meninas
Batem os pés na água, e eu digo não, há corrente e eu, eu
procuro Brundage para ajudar, mas ele está lá em cima do rochedo
Grito por ajuda, mas ele não consegue ouvir, e me viro de volta para o mar.
E eu__
__ corro para dentro do mar, minha roupa pesando molhada, e
Suzanna grita:
Não!
Você vai se afogar, mamãe
Você vai se afogar.
Então rasgo as roupas:
A combinação, a blusa, os sapatos, os...

Anne rasga algumas peças de roupa.

Tentando
Tentando tornar-me um peixe

Para nadar até você.
Harry!!
Harry!!

Anne toma fôlego.

E ele
Acenando adeus
Como você
No fim da rua
A bolsa pendurada no ombro
Acenando
Acenando...

Pausa.

Durante horas
Esperei
Que o mar fosse ter compaixão
E o atirasse de volta
Cuspisse você para fora
Como Jonas
Vivo. (THIESEN, 2007, p. 57)

Depois de lembrar a tristeza do funeral do filho, Anne agarra o testamento, com raiva.

E assim
você me culpa?
Assim me pune?
Com essas palavras
Você rompe
Com o que nos prometemos
Com isso
Você rasga em dois
Nossos votos
Com isso
Você
Você... (THIESEN, 2007, p. 58)

Jogando para o lado o testamento, reafirma que não vai sofrer.

Decide, então, voltar para o mar, onde viu o filho pela última vez, para deixar que as ondas limpassem as feridas, a memória, as palavras.

Que as ondas levem seus versos para onde quiserem!

Referências

THIESEN, Vern. *Shakespeare's Will*. 2. ed. Toronto: Playwrights Canada Press, 2007.